



PSICANÁLISE

Neville Symington

A psicologia da pessoa

Blucher

KARNAC

A PSICOLOGIA DA PESSOA

Neville Symington

Tradução
Beatriz Aratagy Berger
Patrícia Fabrício Lago

Authorised translation from the English language edition published by Karnac Books Ltd.

A psicologia da pessoa

Título original: *The Psychology of the Person*

© 2012 Neville Symington

© 2017 Editora Edgard Blücher Ltda.

Equipe Karnac Books

Editor-assistente para o Brasil Paulo Cesar Sandler

Coordenador de traduções Vasco Moscovici da Cruz

Revisão gramatical Beatriz Aratangy Berger

Conselho consultivo Nilde Parada Franch, Maria Cristina Gil Auge, Rogério N. Coelho de Souza, Eduardo Boralli Rocha

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar
04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme 5. ed. do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa, Academia Brasileira de Letras, março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

FICHA CATALOGRÁFICA

Symington, Neville

A psicologia da pessoa / Neville Symington; tradução de Beatriz Aratangy Berger, Patrícia Fabrício Lago. – São Paulo: Blucher, 2017.

224 p.

ISBN 978-85-212-1180-8

Título original: *The Psychology of the Person*

1. Psicanálise 2. Psicologia I. Título. II. Berger, Beatriz Aratangy. III. Lago, Patrícia Fabrício.

17-0428

CDD 155.2

Índices para catálogo sistemático:
1. Personalidade

Conteúdo

Introdução	11
1. A análise criando a pessoa	15
2. Um princípio criativo	33
3. Manifestações do princípio criativo	51
4. O princípio criativo gera a pessoa	67
5. Pessoa gera pessoa	83
6. Significado como a experiência subjetiva da unidade	99
7. Determinação histórica dos problemas	117
8. Resistência a se tornar uma pessoa	137
9. Aquilo que esmaga o pessoal	155
10. Princípio totalmente inclusivo	175
11. Quando princípios totalmente inclusivos estão difusos	191

Epílogo	207
Referências	213
Índice remissivo	219

1. A análise criando a pessoa

Cinco anos atrás, passei um dia no setor de emergência para adolescentes em um hospital psiquiátrico. No final do dia, Jocelyn, uma integrante do *staff*, veio perguntar se poderia marcar uma sessão comigo. Dois dias depois ela chegou. Estava na casa dos trinta, era casada havia onze anos e tinha dois filhos pequenos, um menino e uma menina, de oito e seis anos. Seu marido deixava todas as decisões para ela. Para onde iriam nas férias? *Ela* tinha que decidir. Para qual escola nossa filha deve ir? – era *ela* que tinha que definir. Devemos mudar de casa? Ele não sabia, *ela* tinha que resolver. Quando estavam indo visitar os pais dela, ele perguntou sobre o que deveria conversar com eles. Irritada, ela lhe disse que teria que deixá-lo; que não aguentava mais. “Por favor, o que você quer dizer com isso?” ele perguntara a ela. Jocelyn tentou explicar. Ele, então, olhando para ela com olhos suplicantes, disse que se esforçaria mais, mas “Por favor, me diga o que fazer?”. Havia algo muito triste naquilo; ele parecia um bom homem, amava os filhos,

amava sua esposa, mas onde estava o *Eu* que sente, que deseja, que toma decisões, que julga, que anseia, que ama? Isso provavelmente servira para sua esposa quando se casara com ele, mas ela crescerá, começara a ser ela mesma, algo desabrochava nela, e agora ela queria *pessoalidade* na figura do marido, e não um clone de si mesma. Um *Eu* estava saindo de um ovo. Na sessão, ela buscou minha ajuda para saber se deixar o marido seria a coisa certa a fazer. Existiam resquícios de seu marido clonado dentro dela (precisando de mim para lhe dizer se deveria ou não o deixar), mas sua liberdade já havia se manifestado, e o lado “siga o líder” havia encolhido.

Como podemos entender o problema de seu marido? Parecia não haver um *Eu* dentro dele. Na última década tive muitos pacientes sofrendo dessa condição. É comum, para mim, ouvir um paciente dizendo: “Estou deprimido, mas estou feliz por estar sentindo isso”, ou “Fiquei bravo quando você finalizou a sessão ontem, mas é um alívio sentir isso”. Veio até mim um homem cuja mulher havia morrido em um trágico acidente dez anos antes, e me disse que sabia que isso era triste, mas que não conseguia sentir tristeza. O que é comum a todos esses casos é a ausência de um *Eu* que sente. Algumas vezes, se apresenta de forma mais restrita. Um dramaturgo uma vez disse: “Sei que o que escrevo é bom, mas não o sinto”.

Tratar pessoas nessa condição me convenceu de que o *Eu* está lá potencialmente em todos, mas em algumas pessoas não se desenvolveu. A imagem que mais se aproxima do *Eu* ausente é a de uma geleia esparramada sem algo que a mantenha unida – não há *Eu*. Ainda assim, há um desejo inato, ou mesmo uma necessidade premente, de ter uma coesão, então uma solução comum é encontrar um molde externo em que essa geleia esparramada possa ser contida. Um homem que lera muitos livros de psicanálise, por exemplo, disse que agora era maduro e tinha vínculos seguros, mas seu comportamento desmentia isso; sexualmente, ele era con-

fuso e sem direção. Então, se existe esse desejo inato, vindo de um conhecimento interior, por que não se desenvolveu em uma coerência interior? Há uma semente que não foi regada ou levada à luz solar. A impressão que tenho é que esse pequeno núcleo de potencial busca um ambiente onde possa crescer, desenvolver-se e vir a ser, de tal forma que o objetivo do procedimento terapêutico não é curar uma ferida ou abaixar defesas, mas sim construir um *Eu* que nunca esteve lá. A tarefa é trazer uma criança à idade adulta; criar um *Eu*. O trabalho de um analista, terapeuta ou cuidador humano não é reparar o que foi danificado, mas criar o que ainda não chegou a ser.

Temos uma teoria de que existe um *Eu* que evita certos eventos por serem dolorosos. Isso, no entanto, pressupõe que existe um *Eu* pleno, que pode enfrentar ou suportar a dor, o que leva a um moralismo velado. A suposição aqui é que o *Eu* ainda não está formado. A função do psicanalista é formar o *Eu*. Um paciente me disse: “Acho que Descartes errou. Não é ‘Penso, logo existo’, e sim ‘Você pensa, logo existo’”. A crença aqui é que uma pessoa pensando sobre a outra leva ao nascimento do *Eu*.

Existem duas maneiras pelas quais qualquer elemento pode existir na personalidade. Pode estar presente, seja incriado ou criado.¹ A tarefa da psicanálise é criar o incriado, criar o que já está lá. Darei alguns exemplos para explicar o que quero dizer. A gravidade existia antes de Isaac Newton, e ainda assim, ele a criou – ele criou o que já estava lá. Ele não impôs algo sobre o universo nem simplesmente o descobriu. É aclamado como um gênio por que, pelas suas observações e cálculos, ele deu feição a algo, criou uma realidade que já estava lá. Esse é um conceito difícil de alcançar. Outra forma de tentar compreendê-lo é pela condição de *anosognosia*, quando alguém não sabe que um membro amputado ou disfuncional é como é, acreditando ter ainda um membro

totalmente funcional. Isso ocorre quando há dano do lado direito do cérebro, ao qual a faculdade mental criativa é vinculada. É pelo hemisfério direito que ocorre o trabalho criativo. A parceria mente-cérebro não é capaz de criar o que existe quando há dano no hemisfério direito. Isso sugere que só sei que minha mão é minha mão, que minha perna é minha perna, que meu braço é meu braço, se criei o que já estava lá – não sei disso até que o ato criativo tenha ocorrido. Encontrei um paciente que não sabia que sua mão era *sua* mão, mas precisava que seu psicoterapeuta contasse isso a ele. Então, no caso de *anosognosia*, quando um membro é amputado, a função criativa fica impossibilitada, e o indivíduo, aflito, fica sem saber que seu membro foi amputado. A criação original de um membro funcional não pode ser revertida. O artista que pintou o quadro morreu, por isso não pode restaurar a pintura. Para saber que tenho um membro amputado, preciso criar o que está lá. Se quando estava criando eu tinha um braço esquerdo sem danos, então é isso que sei, pois foi o que criei, mas se minha fonte criativa estiver prejudicada no momento em que meu braço esquerdo for amputado, então ficarei com o que foi criado antes do evento. Sei através da criação. Não posso saber o que não criei.

Esse foi o grande *insight* de Giambattista Vico, que ensinou que temos um conhecimento especial daquilo que criamos. Enquanto Descartes pensava que conhecemos melhor o mundo incriado da natureza, Vico disse que este é apenas percebido pelo seu exterior. Só Deus, disse Vico, pode conhecê-lo, porque o fez, o criou. Nós humanos só podemos conhecer aquilo que criamos, e estendo esse *insight* de Vico até mesmo ao nosso próprio corpo. Essa é a importância de percebermos que mesmo o que existe precisa ser criado. A terceira analogia é com a da condição do autismo, cuja raiz acredito ser a mesma do caso da *anosognosia*. A criança autista (e o adulto autista) não se relaciona com sua mãe ou com os outros,

porque a relação não foi criada. O elo de ligação entre um humano e o outro também precisa ser criado, assim como os membros do corpo. Quando essa função criativa é defeituosa, a relação não é criada, o que resulta no que conhecemos como *autismo*. O lado direito do cérebro e esse *poder formador* da mente são fortemente conectados, e se aquele não estiver funcionando, os dados com os quais nascemos não se tornarão nós; minha mão não se tornará minha, aquela mulher não poderá se tornar minha mãe. A quarta analogia é um exemplo clínico: a mãe de uma mulher morreu quando ela tinha quinze anos; ela tinha agora trinta e um. A morte da mãe era um fato biográfico, mencionado como se dissesse respeito a alguém com significado remoto para ela. Então, ela teve um sonho em que estava voando como um pássaro sobre a casa onde nasceu, e ao olhar para baixo, viu um funeral em procissão deixando a casa, com sua mãe no caixão, ela sabia. Criara então o evento da morte de sua mãe; agora ela sabia que sua mãe havia morrido, não apenas objetivamente, mas subjetivamente. Sonhar como um poder criativo – e não como uma realização de desejo instintivo, como Freud acreditava – era central para o pensamento de Wilfred Bion, que usou o termo *função alfa* para descrevê-lo. Então a questão clínica é: como procedemos se essa função criativa estiver subdesenvolvida?

A consciência é produto dessa atividade criativa interna. Ter consciência significa que agora sei algo que não sabia antes. Todos conhecemos a frase: “Eu já sabia, mas agora sei que sei”. A atividade criativa interna é primária; a consciência, secundária. Essa atividade criativa interna invisível produz a consciência, reúne elementos díspares em um padrão; a unidade é o cerne da consciência. Se algo é inconsciente é porque o que está lá ainda não foi criado, há uma dispersão de elementos, e essa é a razão pela qual eles são inconscientes. A função criativa opera sobre os elementos díspares,

trazendo-os para uma unidade. Muito antes de Isaac Newton, pessoas viam maçãs caindo de árvores, rios despejando suas águas pelas montanhas até o mar, animais presos à terra e não flutuando no ar, a lua circundando a terra, os planetas circundando o sol. Em um ato criativo, Newton determinou um princípio unificador interior. Chamou esse princípio de gravidade. De forma análoga, os elementos díspares na personalidade tornam-se material de um ato criativo que os unifica.

A consciência pode ser muito restrita ou não estar presente. Isso pode ser dever-se à função criativa estar subdesenvolvida, ou porque criar sobrecarrega a personalidade com a dor da solidão. Esses dois se cruzam, e espero mostrar como tal função pode crescer e se expandir. Outras dores acompanham: culpa, vergonha, decepção ou tristeza. A solidão é primária, e a consciência dela é o registro subjetivo do nascimento da personalidade.

Precisamos considerar quais são as condições necessárias para o florescimento dessa função criativa. O hemisfério direito é onde a função criativa está situada no cérebro, de forma que danos a ele desativam a função criativa. Qual seria, no entanto, o correlato mental do lado direito do cérebro? Precisamos pensar na função criativa como uma semente que precisa ser fomentada, e se for assim, quem ou o que é responsável por esse fomento?

Voltemo-nos inicialmente à pesquisa acerca do vínculo primário mãe-bebê. Começo com uma citação de Peter Hobson:

A pessoa que é livre para avaliar vínculos é capaz de assimilar e pensar sobre suas próprias experiências passadas nos relacionamentos, mesmo quando estas tenham sido insatisfatórias. Tem espaço mental para se relacionar

consigo e com os outros. Pode refletir sobre seus próprios sentimentos e impulsos e pode perdoar e tolerar suas próprias deficiências. Então tem também espaço para se relacionar com seu próprio bebê como uma pessoa independente e separada, e ser sensível aos estados mentais do bebê, de tal forma que o bebê ficará propenso a estabelecer um vínculo seguro. (2002, p. 178)

Quando a própria essência da mãe – sua relação consigo mesma – está presente, traz à vida a mesma essência em seu bebê. O que precisamos analisar aqui é o que significa “vínculo seguro”. A ligação entre um indivíduo e outro pode ser um “vínculo por proximidade” ou uma “conexão intuitiva”. A primeira vem de fora, enquanto a segunda vem de dentro. A primeira foi chamada “identificação adesiva” por Esther Bick (1986, p. 62). Martin Buber referiu-se a ela como “diferenciação através de pura justaposição” (1987, p. 38). A última é um ato de compreensão que vem de dentro. Precisamos, portanto, penetrar no ato de compreensão e ver, tanto quanto possível, o que é e o que constitui o ato de compreensão. Há uma interiorização e aceitação que moldam o ato de compreensão. Mas o que provoca a interiorização? O que provoca a aceitação?

Temos que decidir aqui se há alguma substância no mundo que seja imaterial. Adoto a postura de que, entrelaçadas no mundo dos objetos físicos, existem relações entre eventos que são reais, porém não detectáveis por não serem materiais. Isso foi expresso sucintamente pelo filósofo canadense Peter March (2004):

Se a mente fosse um sistema de relações físicas entre objetos materiais então, de certa forma, a mente não seria visível. Considere primeiro a simples relação “na frente

de”. Tomemos o exemplo em que alguém diz que uma de suas mãos está na frente da outra. Em certo sentido, é verdade que essa relação entre dois objetos não é visível em si – no sentido em que os objetos em si são visíveis. A relação naturalmente existe, mas se nos perguntassem a cor ou a forma da relação, ficaríamos confusos. Então, admitindo que dizemos poder ver que alguém está na frente de outra pessoa, e admitindo ainda que a maioria das relações físicas são descobertas devido à informação visual, ainda assim, como não têm cor nem forma, violam nossa intuição, que afirma que tudo o que pode ser visto, no sentido primário, deve ter cor e forma.

Em outro sentido, essas relações são invisíveis porque os relata relevantes não são facilmente observáveis. Pode-se dizer que é um fato visível que uma das mãos pode ser vista na frente da outra. Mas as relações da mente existem como relações entre estruturas neurais da pessoa e objetos que não são partes do corpo da pessoa; portanto, e como esses relata não são visíveis a olho nu, as relações não são visíveis. Não podemos ver que uma das mãos está na frente da outra se não podemos ver uma das mãos.

O que isso significa é que, se a mente é um sistema de relações, então seríamos incapazes de fornecer sua cor ou sua forma, nem conseguiríamos detectar as relações relevantes pela visão.

Pode-se pensar nesses *relata*, como Peter March os chama, como interiorização e aceitação. Esse entre-as-duas-mãos aceita ambas as mãos e, ao mesmo tempo, interioriza cada mão. Essa relação não é material. Considero então que há uma qualidade não

material que interpenetra o universo. É essa interpenetração que ocorre entre duas pessoas que se tornam conscientes no ato da compreensão.

Em outro momento me referi a “vínculo por proximidade” ou “diferenciação por pura justaposição” como “vínculo como-cola” (Symington, 2002, pp. 80-81). É uma ligação ao outro de superfície a superfície, onde não há relação, não há compreensão, não há interiorização. O termo *vínculo como-cola* indica que a justaposição é firmemente segura. Uso *como-cola* ao invés de adesiva por ser mais próximo de uma fotografia ou imagem com poder emocional. Freud, em sua exposição teórica, não diferenciou a forma como chegamos ao conhecimento dos seres humanos da maneira como chegamos ao conhecimento do mundo não humano. Processamos estímulos provenientes do exterior pelos sentidos. O ego, ele disse, processa os estímulos do mundo exterior (e do mundo interior) sem qualquer diferenciação. É o mesmo processo quer o objeto externo seja uma rocha, um prédio, uma tartaruga ou um ser humano. Entretanto, Freud foi honesto e notou instâncias que seriam exceções:

Tenho boas razões para asseverar que todos possuem, em seu próprio inconsciente, um instrumento com que pode interpretar as elocuições do inconsciente das outras pessoas.

(Freud, 1913i, p. 320)

Constitui fato marcante que o Ics. de um ser humano possa reagir ao de outro, sem passar através do Cs. Isso merece uma investigação mais detida, principalmente com o fim de descobrir se podemos excluir a atividade

pré-consciente do desempenho de um papel nesse caso; descritivamente falando, porém, o fato é incontestável.

(Freud, 1915e, p. 194)

Porém, ele nunca fez uma teoria que fundamentasse seu conhecimento de que uma atividade desse tipo ocorre entre seres humanos. O resultado é que há um suporte teórico que sustenta o *vínculo como-cola*, mas não a *conexão pela intuição*. Então, por exemplo, um homem me disse: “Suas interpretações não estão corretas, mas sei que você está tentando compreender, e é isso que importa para mim”. Ao dizer que sabia que eu estava tentando ajudá-lo, não penso que estivesse moderando sua crítica para me agradar. Então, como ele *sabe* que estou tentando compreender? Não é que eu tenha dito a ele: “Estou tentando compreendê-lo, saiba disso”. Ele não sabe através de palavras. Ele possui alguma faculdade que alcança do seu coração ao meu. Há uma penetração em mim. Alguma matéria mental dele estende-se à minha matéria mental.

Outra forma de abordar o tema é analisar o ato de compreensão. Alguém está tentando me explicar algo, mas não estou compreendendo. A pessoa explica de outra maneira, e ainda não compreendo, então ela faz uma observação ao acaso e de repente compreendo. Compreendo a partir de um lugar em mim que é não verbal. O ato da compreensão não está nas palavras que meu amigo usou para explicar. São indicadores *em direção a*. Mas *em direção a* quê? Uma experiência. O indicador precisa estar suficientemente perto da experiência para que eu consiga apreendê-lo. Contudo, no ato da compreensão há um elemento novo. A luta se dá em duas partes. Tenho um conjunto de atos de entendimento, os quais são um depósito dentro de mim. Então, uma tarefa em que estou envolvido é procurar por um desses em especial. Tive um ato de compreensão e ele informa minha maneira de me relacionar com

o mundo, mas minha atenção precisa ser levada a ele. As palavras são como nomes colocados em arquivos. É preciso nomear arquivos de forma que conteúdos específicos sejam facilmente encontrados. Quando meu amigo usa palavras diferentes, não consigo encontrar o conteúdo, pois não foi com aquelas palavras que arqueei aquele conteúdo específico de experiência. Quando, de repente, a observação ao acaso me leva ao arquivo certo, é porque é o nome correto do arquivo, ou muito próximo a ele. Isso significa que todos os conteúdos já estão lá e é só uma questão de os encontrar? Nenhum conteúdo novo pode ser adicionado ao repertório que já está lá? Para isso, há duas respostas: uma é que pode ocorrer uma nova experiência, e a outra é que uma abstração maior abrange o que está lá, porém mais profundamente.

Começarei pela primeira. Iniciarei com um exemplo que vem do romance de Tolstói *Anna Karenina* (1877). Anna está prestes a dar à luz um bebê que concebeu com Vronsky. Karenin, o marido de Anna, está a caminho de casa, de Moscou a São Petersburgo. Ele odeia Anna e espera que ela morra. Então, quando ele a vê e observa o parto, muda e enche-se de amor por ela. Tolstói comenta: “precisou que ele visse sua mulher morrendo para perceber que a amava”. Em seu coração havia amor por ela, mas esse amor estava lá antes de ver sua mulher morrendo? No comentário de Tolstói há uma implicação de que, ao ver sua esposa morrendo (na verdade ela não morre naquele momento, mas ele não sabe disso), nasce um amor em seu coração que ele não sabia que estava lá. Mas estava lá? A resposta é sim e não. Foi necessária a experiência de ver sua esposa morrendo para que ele se desse conta disso. É como regar uma semente seca. A experiência de ver a esposa morrendo leva ao nascimento. Há uma relação entre seu coração e o evento exterior que faz nascer uma emoção conhecida como amor. Existe, assim, um evento que é tanto interno quanto externo. Pode então

ser nomeado. Karenin poderia tê-lo chamado de “emoção da morte”, e talvez não compreendesse alguém tentando lhe explicar como o interior e o exterior estão conectados, até que essa pessoa casualmente dissesse, “é como o sofrimento com a morte de alguém”, e de repente Karenin compreenderia, sendo que todas as tentativas anteriores de explicar com termos filosóficos haviam falhado. Temos aqui, então, o reencontro da experiência. Pode surgir algo a mais ou novo? Ou estamos dizendo que tudo está potencialmente ali, e que é preciso uma experiência para fazer com que nasça para que se torne real? A experiência de outra pessoa pode ser adicionada às minhas próprias? O que estou tentando explicar aqui é, “Minha compreensão pode ser ampliada através da experiência do outro?”. Penso que a resposta é sim, mas somente se houver desejo na pessoa – isto é, se houver desejo de expandir a experiência; de nos abirmos para o mundo do qual somos uma pequena parte. O outro pode dar-me sua experiência através do meu próprio ato de compreensão, mas deve haver uma proximidade para que isso ocorra. Meu próprio ato da compreensão traz dentro de mim a experiência do outro. Há interiorização mútua de um no outro. A matéria mental tem a capacidade de ser interiorizada no outro e receber o outro em si. O símbolo para essa interiorização mútua está no ato sexual, quando o pênis entra na vagina e a vagina recebe em si o pênis. A matéria mental tem essa plasticidade que permite interiorização mútua. O entendimento é a consequência consciente desse acontecimento invisível. Tomarei um exemplo da abordagem de Isaiah Berlin, contraposta à de Michael Polanyi, acerca da nossa compreensão do mundo.

Isaiah Berlin, baseando-se nos *insights* de Giambattista Vico, acreditava que a forma como conhecemos o mundo inanimado é diferente da forma como conhecemos nossos camaradas seres humanos: que existem diferentes formas de conhecimento. Temos

conhecimento dos seres humanos a partir de dentro, enquanto nosso conhecimento do mundo não humano é a partir de fora. Podemos saber como é ser John Smith de uma forma que nunca poderemos saber como é ser uma tartaruga, uma vespa, uma árvore ou uma pedra. Essa era a posição de Isaiah Berlin, mas Michael Polanyi afirma que essa diferenciação não leva em conta a natureza do ato da compreensão. Ele afirma que o entendimento tem como base certa interiorização da mente no objeto. Afirma, assim, que há certa interiorização da mente até na natureza inanimada, e que o ato em si é semelhante, mas com outros seres humanos atinge um nível mais elevado de operação. Se compreendo Polanyi corretamente, ele quer dizer que quando Arquimedes entendeu o volume, aproveitando aquele famoso momento no banho de Siracusa, isso foi consequência de uma interiorização. Essa é uma boa ilustração, pois esse momento de *insight* aconteceu quando ele entrava na banheira e prestava atenção na água que seu corpo deslocava. O acontecimento físico sensorial está em um lugar, e o conceito mental de volume em outro, e há um salto do físico para o mental, mas há certa similaridade empática. Existe aqui a noção de que o evento mental transcende o acontecimento corporal. Assim, acredito ainda que o ato da compreensão não é apenas produto da interiorização mútua, mas também a transcende; a leva a uma nova dimensão. A interiorização está na essência do ato.

Considero, no entanto, que Isaiah Berlin está certo, pois a interiorização entre um ser humano e outro é recíproca, enquanto entre um ser humano e o mundo não humano não é. Existe uma capacidade para interiorização com outro ser humano que não acontece com o mundo não humano, então a possibilidade de interiorização é mútua com outro ser humano.

Quando um elemento na personalidade é criado o indivíduo é governado por ele; quando é criado, a pessoa tanto torna-se viva nele como o vive. A pessoa o vive como um processo; não o governa como uma posse. Se esse processo é infundido com um terceiro elemento de um tipo específico, então os dois polos do processo tornam-se pessoas.² O terceiro elemento precisa ser infinito para que esse processo ocorra. O processo é capturado através de imagens estáticas. A característica fixa dessas imagens deve-se a uma função na personalidade que as *fixa*. É a inteligência³ que faz a fixação, que produz um quadro. O quadro é inicialmente uma imagem sensorial estática, e então é desnudado do aspecto sensorial, tornando-se assim um conceito. Ninguém enfatizou isso mais do que Henri Bergson, que afirma sobre a inteligência:⁴ “sempre envolvida em determinar sob qual título antigo irá catalogar qualquer novo objeto” (1919, p. 51), e novamente, em outra passagem:

o intelecto representa tornar-se como uma série de estados, sendo que cada qual é homogêneo em si mesmo e, conseqüentemente, não muda.

Nossa atenção é levada à mudança interna de um desses estados? Imediatamente o decompomos em outra série de estados que, reunidos, devem compor essa modificação interna... mesmo que façamos nosso melhor para imitar a mobilidade de tornar-se, através de uma adição que ocorre sem parar, o ato de tornar-se, em si, desliza por nossos dedos... o intelecto deixa escapar o que é novo em cada momento de uma história. Não admite o imprevisível. Rejeita toda criação.

(Bergson, 1919, pp. 171-172)

Bion refere-se a isso como o progresso de uma concepção para um conceito, que ele assim define: “O conceito deriva da concepção através de um processo destinado a libertá-lo de elementos que o tornariam inadequado para ser um instrumento na elucidação ou expressão da verdade” (1963, p. 24). A imagem estática materializada na personalidade é chamada de *mim*; a fonte do processamento é chamada de *Eu*. A fonte do processamento tem em si duas faculdades: uma operação dos sentidos e uma operação do intelecto.

Uma vez que a inteligência tenha fixado o processo em um conceito, a personalidade estará dominada por esse conceito; se a personalidade estiver em mau estado, aprisionará nela o processo-*Eu*. Um conceito estático é incriado tão logo retenha o processo-*Eu*.⁵ Ele é criado quando a inteligência é serva do processo-*Eu*. Porque a concepção, nos termos de Bion, tem elementos sensoriais, tem um magnetismo que prende o *Eu* a ela. Isso significa que ela irá distorcer a verdade, porque o *Eu* está condicionado por essa ligação.

Assim, o incriado pode ser de duas formas. Pode ser algo que é recebido na personalidade, ignorando o processo-*Eu*, ou algo que foi criado pelo processo-*Eu*, mas o processo-*Eu* ficou aprisionado dentro dele. Embora criado pelo processo-*Eu*, tornou-se agora prisioneiro dentro da personalidade. Isso quer dizer que existe algo na personalidade que é capaz de materializar aquilo que foi criado.

O indício subjetivo de que isso ocorreu é a excitação. Marion Milner dá um bom exemplo disso:

Estava um dia dirigindo pela estrada montanhosa para Granada, na primavera, o sopé de terra vermelha em forma de cone coberto de amendoeiras em flor que se entrelaçavam. Era o primeiro dia ensolarado depois de

dias de chuva. Eu estava muito feliz enquanto subíamos mais e mais alto no ar puro da montanha. Estava tomada por uma exultação do tipo que nos eleva acima de nós mesmos, e me senti poderosa e importante, como se de alguma forma fosse meu mérito que o campo fosse tão adorável. Ou, pelo menos, que eu era mais esperta do que os outros, por ter ido até lá para ver aquilo. Estava agradecida por não ser como os outros. Então percebi que as características do campo estavam mudando, mas assim que tentei olhar para trás em minha própria mente, descobri que lá não havia nada além de uma memória absurda da minha própria exultação, sem qualquer visão do que causara aquilo. Então me lembrei do fariseu e o estalajadeiro... Imediatamente, o aspecto do campo estava diferente. Eu só estava ciente disso, e nem um pouco de mim mesma. E depois, sempre havia aquela parte da Espanha que parece ocupar minha imaginação.

(Milner, 1937, pp. 208-209)

Portanto, o elemento sensorial, desde que o *Eu* esteja em estado de isolamento, é capaz de levar o *Eu* ao *êxtase*. O orgasmo sexual é apenas um caso extremo de algo que está presente em todas as ligações sensoriais. É por isso que os místicos enfatizaram a necessidade de desprendimento dos sentidos. Outro ângulo do mesmo ponto é a ênfase, dentre os que estudaram o vínculo, na necessidade de que a mãe seja capaz de refletir. A mãe que consegue refletir não é governada por um vínculo com memória sensorial, dolorosa ou prazerosa. Ela está separada da experiência. Aquela

capacidade para refletir significa que o *Eu* está separado do sensorial, e agora é governado pela outra operação no processo-*Eu*: o intelecto. Isso é diferente da inteligência, que torna estático o que está em movimento. A inteligência apreende o *princípio totalmente inclusivo*, mas não o particular. As imagens vindas da arte, poesia ou música captam o particular; o intelecto só pode capturar o que é geral.

O criativo é um princípio de animação que governa a memorização, quer venha de um estímulo externo ou interno. É algo a que Picasso se referiu como olho interno metafórico, que contempla os sentidos com algo que eles não têm: a capacidade de ver e sentir emocionalmente (Penrose, 1971, pp. 91-92).

No primeiro caso, o indivíduo está psiquicamente morto; no segundo, está vivo e é uma pessoa. As duas palavras que usarei para distinguir entre eles são *indivíduo* e *pessoa*.

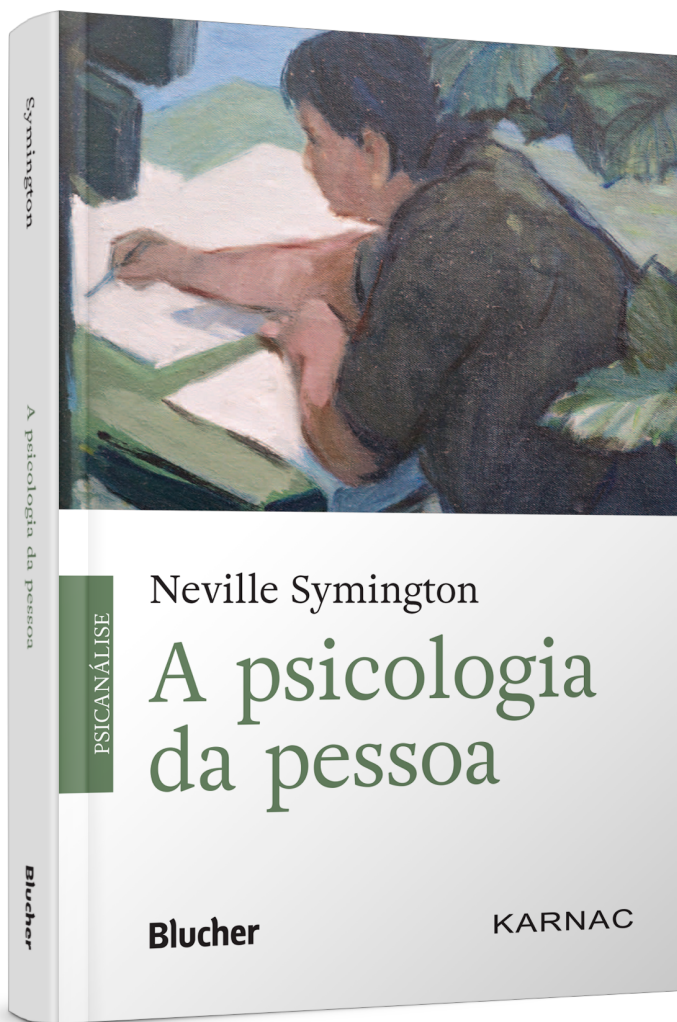
Existe um estado de demência quando alguém vive com elementos incriados. É isso que se quer dizer por demência: que não há qualquer princípio interno que inclua tudo regendo o que ocorre. Sanidade é quando os estímulos foram infundidos com o remédio do olho interior.

O objetivo deste livro é investigar se a psicanálise é capaz de transformar o *indivíduo* em uma *pessoa* e, se for, como.

Acredito que a psicanálise é capaz de transformar loucura em sanidade sob certas condições e com certas restrições. Nosso propósito neste livro é tentar mostrar que isso é possível.

Notas

1. É evidente a ligação entre essa distinção e os *elementos beta e alfa* de Bion.
2. Esse “terceiro elemento” é examinado em detalhes no Capítulo 9.
3. Neste livro é feita uma diferenciação entre inteligência e intelecto.
4. Ele usa o termo “intelecto”, mas refere-se ao que aqui chamo de “inteligência”.
5. Penso que essa projeção de si mesmo na concepção é o que Bion quer dizer por torná-la saturada.



Clique aqui e:

[Veja na loja](#)

A Psicologia da Pessoa

Neville Symington

ISBN: 9788521211808

Páginas: 224

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2017
